

**NO TEMPO DO REI ARTHUR: NOTAS SOBRE O MEDIEVALISMO NO  
BRASIL**

Douglas Mota Xavier de Lima  
Universidade Federal do Oeste do Pará  
douglas.mxl@ufopa.edu.br

**Resumo**

A Idade Média tem mobilizado o interesse de diferentes gerações no mundo contemporâneo, estando amplamente presente na literatura, no cinema, nas séries de TV, nas novelas, nos quadrinhos e nos games, ultrapassando o campo acadêmico dos especialistas na sociedade medieval, sejam historiadores ou profissionais de outras áreas como Artes, Letras, Direito e Filosofia. Diante da relevância e atualidade da temática, propõe-se a reflexão acerca do medievalismo no Brasil, área que apresenta um crescimento acentuado nas últimas décadas e relaciona-se com as mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais presentes na sociedade brasileira e possibilita apontamentos acerca do potencial pedagógico do medievalismo no ensino de história. Palavra-chave: Idade Média; Medievalismo; Ensino de História.

A Idade Média, inventada pelos humanistas do Renascimento e, posteriormente, ressignificada pelos séculos XVIII e XIX, está na moda, e os caminhos para esse gosto acentuado pela Idade Média, para remetermos à instigante obra de Christian Amalvi (1996), é indício de um movimento internacional muito mais amplo e que se exemplifica no significativo volume de livros, jogos, filmes e séries de Tv lançados nas últimas décadas. O Brasil está inserido nesse movimento e oferece a oportunidade de problematizar diferentes direções do medievalismo, seja em suas relações com a política, a economia e a cultura, seja no que tange ao potencial pedagógico do medievalismo.

**Medievalismo: breves considerações**

A Idade Média constitui um tempo e um objeto de investigação reinventado, sonhado e difundido por diferentes veículos. Nas últimas décadas assiste-se, em especial nos Estados Unidos e em algumas historiografias europeias, como a francesa e a inglesa, o desenvolvimento de estudos acerca da recepção da Idade Média pelos séculos

posteriores, reapropriação presente na literatura, na arquitetura, no cinema, na música, nas histórias em quadrinhos, etc.

Este campo de estudos tem sido denominado de *medievalism*, em inglês, sendo a expressão utilizada como referência da *Society for the study of medievalism*, fundada em 1976, e da principal publicação da área, a revista *Studies in Medievalism*, publicada desde 1979; em francês, o termo *médiévalisme* tem se afirmado, diferenciando-se dos termos *médiévisme* ou *médiévistique* (Ferré, 2010), e orientando as pesquisas da *Association Modernités Médiévales*, fundada em 2004. Em português e espanhol o campo ainda não conseguiu afirmar sua especificidade, sendo expressão disso a diversidade de termos utilizados para tratar do uso do passado medieval, ora entendido como reminiscências medievais ou medievalidade (Macedo, 2009), como ressurgências (Nascimento, 2015), ora como medievalismo (Porto Júnior, 2018a; 2018b). Nas historiografias ibéricas e brasileira, este termo é utilizado, por vezes, para referenciar os estudos medievais em geral (cf.: Aurell, 2008; Rosa & Bertoli, 2010; Amaral, 2011), sendo emblemático o seu uso como título da publicação *Medievalismo*, revista que tem o objetivo de publicar investigações sobre o período medieval, com especial atenção ao medievo hispânico. Cabe ainda acrescentar o termo neomedievalismo, cunhado por Umberto Eco (1986) e que ganhou apropriações recentes nos estudos medievais (Fugelso, 2010), frequentemente associado a trabalhos teóricos e de política internacional.

Em linhas gerais, observa-se que, apesar da historiografia anglófona e francesa apresentarem contornos mais definidos acerca da noção de medievalismo, sobressaem nos estudos atuais diferentes usos da terminologia, os quais abarcam, por exemplo, investigações sobre a construção de identidades nacionais mobilizando o passado medieval; a relação entre a medievalística (a história medieval científica) e o medievalismo; e os usos não científicos da Idade Média entre o século XIX e a atualidade (Rosa, 2017). No presente trabalho, o termo *Medievalismo* será utilizado no intuito de remeter às recepções da Idade Média pelos séculos posteriores, especialmente presentes na cultura de massa (quadrinhos, séries e filmes), na literatura, nos jogos (games e board games), na arquitetura, em festivais e no recriacionismo, afastando-se, desta maneira, a noção de Medievalística, entendida aqui como o campo de pesquisa dedicado ao estudo

da Idade Média em diferentes áreas do saber, como a História, as Letras, as Artes, a Filosofia e o Direito.

### **O medievalismo no Brasil**

Especificamente em relação ao Brasil, pode-se afirmar que tanto a medievalística como o medievalismo têm conhecido um significativo crescimento nas últimas décadas. Como indícios desse movimento, lembra-se, no primeiro caso, que desde as décadas de 1980 e 1990, com a institucionalização da área em Programas de Pós-graduação, com a vertiginosa formação de especialistas e com a crescente publicação das investigações o campo se fortalece; paralelamente, no segundo caso, a partir dos anos 2000, com a organização de festas e festivais, fabricação e comércio de diversos produtos, formação de bandas e surgimento de novos sites, páginas nas redes sociais e conteúdo web sobre o medieval, a Idade Média se populariza.

O crescimento do medievalismo pode ser notado em sites como Cena Medieval, criado em 2015. Ele se define como espaço para centralizar e divulgar informações sobre o meio medieval no Brasil, estando diretamente relacionado a grupos recriacionistas, grupos de luta, artesãos, ferreiros, fabricantes de hidromel e outros grupos ligados direta ou indiretamente ao medievalismo. Em levantamento feito no próprio site é possível identificar que no ano de 2017 ocorreram quarenta e três (43) eventos relacionados ao medieval, e no ano de 2018 ocorreram trinta (30) eventos, entre festas, feiras, banquetes, oficinas de música, torneios, etc. Destarte, somando os eventos nacionais registrados no site para os anos de 2017 e 2018, chega-se ao total de setenta e três (73) eventos.

**Quadro 1. Eventos sobre Idade Média no Brasil (2017-2018)**

<b>REGIÃO</b>	<b>UNIDADE FEDERATIVA</b>	<b>QUANTIDADE DE EVENTOS</b>
Sudeste	São Paulo	34
	Rio de Janeiro	11
	Minas Gerais	4
Sul	Paraná	10
	Santa Catarina	1
	Rio Grande do Sul	9
Centro-Oeste	Goiás	1
	Distrito Federal	1

Nordeste	Bahia	2
<b>TOTAL</b>	<b>9</b>	<b>73</b>

Fonte: Cena Medieval

Em pesquisa realizada por Wada et. Al. (2014), constatou-se que o segmento de eventos medievais tem vindo a popularizar-se no Brasil, influenciados pela crescente produção e divulgação das pesquisas acadêmicas acerca do medievo e pela inspiração nos eventos e festas que ocorrem na Europa. Outro ponto assinalado pela pesquisa é que parte das atividades investigadas são baseadas em recriações de mitos, lendas, danças, lutas e no estudo de documentos medievais, o que busca tornar os eventos o mais recriacionista possível.

Do mesmo modo, Porto Júnior (2018b) ressalta que diversos elementos e práticas socioculturais inspiradas no medievo, como músicas, danças, moda, culinária e lutas estão sendo ‘recriadas’, merecendo destaque:

as feiras, os festivais e outros eventos com temática medieval, que desde fins do século XX proliferam-se em praticamente todo o mundo ocidental e conseguem reunir milhares de pessoas. Atraídos pelo som do alaúde e animados pelas brincadeiras de saltimbancos, malabaristas, fantoches e bobos da corte, muitos ainda hoje se embriagam de hidromel, fartam-se de carne de javali, assistem e/ou participam de jogos de feitos de armas entre outras encenações históricas (Porto Júnior, 2018b, p.236).

Em linhas gerais, pode-se afirmar que o recriacionismo histórico (historical reenactment ou living history) constitui uma prática educativa lúdica – e crescentemente relacionada com o turismo cultural (Campos, 2011) – que tem como objetivo recriar ou representar elementos de um determinado período ou evento. Esse processo de recriação visa transmitir veracidade, autenticidade e, para isso, funda-se em pesquisas históricas, arqueológicas e, mais recentemente, em investigações de iconografia e antropologia visual (Porto Júnior, 2018b).

A prática remete, ao menos, às décadas de 1960 e 1970, tendo se iniciado na Inglaterra a partir de uma campanha publicitária e de ações da Roundhead Association e da King’s Army no intuito de recriar eventos históricos através da atuação de personagens vestidas com trajes da época (Coelho, 2009). Tal como ocorre com o Medievalismo/Medievalism, muitos são os termos utilizados para referenciar o movimento recriacionista em português. Em Portugal, por exemplo, utilizam-se as

expressões revivalismo, reconstituição e, em especial, História ao Vivo. No Brasil, crescem os grupos e as experiências desse âmbito, caracterizando-se como atividades de recriacionismo histórico. Feita essa breve apresentação, passa-se a considerações sobre o potencial pedagógico do medievalismo.

### **O potencial pedagógico do medievalismo**

Como argumentam Chepp, Masi e Pereira (2015), existe uma Idade Média contada na escola, que ainda remonta à “leitura iluminista e preconceituosa do medievo”, e outra, evocada de fantasia, aventura e imaginação, que permanece distante dos bancos escolares. Essa “Idade Média fantasiada” está presente no cinema, nas séries de Tv, nas músicas e nos jogos, na literatura, nas Histórias em quadrinhos (HQs)..., e, sem abrir mão da pesquisa histórica sobre o medievo, demonstra um significativo potencial para a aprendizagem histórica acerca da Idade Média. Os autores propõem que:

...a aprendizagem do conceito e a possibilidade de novas experiências com o passado, possam ser auxiliadas pela exposição do aluno às numerosas alternativas de representação e “(re)encenação” do passado, através de estratégias e de formas de expressão como a música ou as séries de televisão. Essas duas formas de expressão jogam o estudante para um mundo pré-conceitual e lhes proporciona uma experiência nua do passado. (...) Ora, o que se quer é justamente essa abertura, tão difícil de ser conseguida com o uso imediato de um texto didático ou de uma explicação do professor. Essa abertura não pode ser confundida com uma aprendizagem incorreta e inadequada que levaria o aluno a aceitar uma Idade Média fantasiada, mas é a força imaginativa dessa inserção de um mundo medieval fantasiado e inexistente na pesquisa histórica, o que pode permitir o aluno a pular do *Caos* a novas formas de conhecimento sobre a Idade Média. Ele poderá saber fazer a distinção entre o que é fantasia e o que é realidade histórica, mas igualmente saberá reconhecer as representações que os povos criam sobre si mesmos e sobre os outros, e que estas podem ser transformadas em aprendizagens históricas (Chepp, Masi e Pereira, 2015, p.951-952).

O trecho acima é instigante e abre uma série de perspectivas para o ensino de história, ultrapassando as particularidades do medievo. Os autores, por exemplo, exploram o uso de séries de Tv e músicas no referido artigo, mas as proposições que orientam o texto mostram-se adequadas para a reflexão acerca de atividades de recriacionismo no ambiente escolar.

Maria Solé descreve diversos projetos de História ao Vivo realizados em Portugal desde os anos 1980, demonstrando como essa técnica mostra-se adequada ao ensino de história, interessando e engajando os alunos através do lúdico e da imaginação histórica, além de mobilizar a comunidade e articular os professores em torno de projetos multidisciplinares. Para a autora:

A preocupação com o rigor histórico é uma constante, sendo necessário uma consulta exaustiva de várias fontes históricas e historiográficas. Um projecto deste tipo não se limita à procura do rigor científico, pressupõe também um trabalho pedagógico prévio de preparação dos alunos envolvidos, levando-os a compreender o que vão fazer, e como o devem fazer (...). A ‘História ao Vivo’ procura indicar novos caminhos para revitalizar o estudo da História e das disciplinas afins. A dramatização de uma dada circunstância histórica, num local apropriado, numa data precisa, numa encenação tão próxima quanto possível da realidade passada, onde o aluno é levado a ser participante convicto, agindo e compreendendo «como era» operará nele o salto «para dentro» da História. Ele passa a saber o circunstancial e o geral, porque participou. (Solé, 2011)

Os apontamentos acima permitem considerar que a ‘História ao vivo’ ou recriação histórica tem diferentes potencialidades no ensino básico, abarcando desde elementos do desenvolvimento cognitivo do estudante à elementos do desenvolvimento socioemocional, preocupações cada vez mais urgentes e atuais da educação integral. Apesar dessa potencialidade, passa-se a algumas considerações tendo como base a experiência pessoal como docente da formação de professores.

No curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste do Pará, em Santarém/PA, em duas oportunidades, uma como avaliação final da disciplina História Medieval (2017.2) e outra como ação extensionista (2019.1), promoveu-se a realização de uma mostra de História Medieval inspirada no encontro entre a medievalística, o medievalismo e o recriacionismo histórico. As atividades foram a culminância de um processo que envolveu: os conteúdos teóricos e práticos dos componentes curriculares; a pesquisa documental e bibliográfica; a preocupação com promoção de diferentes linguagens no ensino de história, privilegiando o percurso do indivíduo/grupo para a escolha dos temas e da abordagem; o trabalho colaborativo; a expressão extensionista da universidade através do envolvimento da comunidade e das escolas da cidade.

## **ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

Na I Mostra de História Medieval, ocorrida em março de 2018, os estudantes escolheram temáticas ou atividades livres, conforme os interesses individuais, realizando pesquisas a fim de explorar os itens. A seguir, estruturou-se a mostra em forma de exposições e de dramatizações, finalizadas pela entrega de relatório. Assim, foram apresentados trabalhos sobre: o uso de quadrinhos no ensino de história medieval; a literatura medieval e o medievalismo na literatura contemporânea; as séries de Tv e os usos do passado medieval; a alimentação medieval, reproduzindo um banquete. Além disso, foi produzida uma maquete de cidade medieval dos séculos XII e XIII – atualmente disponível ao público na biblioteca da Casa de Cultura do município –, foi encenada uma peça com o tema “Corpo e Sexualidade” na Idade Média e realizada uma apresentação de dança medieval.

Na II Mostra de História Medieval, ocorrida em março de 2019, estudantes de diferentes turmas e cursos novamente escolheram temáticas ou atividades livres conforme os interesses individuais, tendo como eixo central a Corte Medieval. A partir do eixo foram realizadas pesquisas bibliográficas a fim de estruturar a mostra, buscadas parcerias a fim de financiar os materiais e organizada a programação da atividade. Esse processo resultou: na ambientação do espaço, com tecidos, flores e bancos de madeira; na organização de uma sala para a exibição de animações relacionadas à Idade Média; na formação de um núcleo de jogos e brincadeiras voltadas ao público infantil, explorando jogos da cavalaria, como arco e flecha e corridas de cavalo; em exposições de quadrinhos, edições de documentos e da iconografia medieval; na dramatização de um banquete medieval e de uma batalha entre cavaleiros cristãos e guerreiros muçulmanos; e na apresentação de dança medieval.

As atividades foram bem-sucedidas e mobilizaram a comunidade acadêmica e local, além de, num primeiro momento, a turma de História Medieval, e, na segunda mostra, os alunos do curso e de outros institutos, envolvidos com a proposta. Em termos de diagnóstico da aprendizagem, a mostra medieval mostrou-se satisfatória, tendo em vista a organização em grupos menores que puderam trabalhar em temáticas de sua própria escolha; a possibilidade de aprofundamento dos conteúdos, elemento que, em geral, é limitado pelo conteúdo programático e pelas avaliações individuais; a elaboração de uma avaliação flexível e processual, acompanhando o estudante desde a escolha do

tema, no processo de pesquisa, na avaliação coletiva e individual, durante a atividade e na entrega de relatório contendo a proposta apresentada, os objetivos e as justificativas, elementos fundamentados na bibliografia; a aproximação dos discentes com a comunidade, em especial, com o público escolar, apropriando-se de instrumentos diversos para a construção do saber histórico.

Em relação aos aspectos gerais presentes na mostra, destaca-se que principalmente a dança, o banquete, a batalha e o teatro permitiram aos alunos assumirem papéis de personagens históricos de outros tempos – jograis, nobres, damas, cavaleiros... –, adequando a linguagem, as vestimentas, o conteúdo da fala e dos gestos. Ao praticarem tal encenação, a mostra foi capaz de promover empatia e afetividade dos alunos ao se colocarem no papel de sujeitos de outra época, afetando tanto o aluno que apresenta como a comunidade que participa. Ao promover pesquisas para a construção da mostra, desenvolve-se tanto a consciência do período que se estuda, como a percepção das mudanças através do tempo e dos usos do passado medieval.

Ciente das limitações de ‘reconstruir’ a Idade Média, mormente em seus traços europeus ocidentais e cristãos, no ambiente universitário e de uma cidade da Amazônia sem o acesso a castelos, igrejas, praças e monumentos diversos datados dessa temporalidade, a experiência com a mostra medieval, por ser realizada com estudantes de licenciatura, tem favorecido o uso de recursos lúdicos no processo de ensino e aprendizagem e a exploração do potencial pedagógico do medievalismo, mobilizando tanto os acúmulos permitidos pela historiografia como a gosto pelo medievo da fantasia. Além disso, a mostra tem possibilitado aos alunos e aos comunitários se aproximarem desse tempo de tamanha alteridade e profunda identidade que é a Idade Média, aguçando a aprendizagem e promovendo o interesse, seja o desejo da pesquisa histórica seja a vontade ou o prazer de experimentar ambientes de outros tempos.

### **Referências bibliográficas**

AMALVI, Christian. *Le goût du Moyen Âge*. Paris: Plon, 1996.

AMARAL, R. O medievalismo no Brasil. *História Unisinos*, vol.15, n.3, setembro/dezembro, 2011.



- AURELL, J. Tendencias recientes del medievalismo español. *Memoria y Civilización*, 11, 2008, p.63-103.
- CAMPOS, M. R. C. Recriações históricas em Portugal e Espanha. Relevância destes eventos para o turismo. *Dedica. Revista de Educação e Humanidades*, 1, março, 2011.
- CHEPP, B.; MASI, G.; PEREIRA, N.M. O potencial pedagógico da Idade Média imaginada. *Revista do Lhiste, Porto Alegre*, n.3, vol.2, jul./dez. 2015.
- COELHO, R. A. História viva. A recriação histórica como veículo de divulgação do património histórico e artístico nacional (1986-2009). *Conceitos e práticas*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Dissertação de Mestrado em Arte, Patrimônio e Restauro, 2009.
- ECO, U. The return of the middle ages. In: *Travel in Hyper Reality*. New York: Harvest, 1986.
- FERRÉ, V. Introduction. *Médiévalisme et théorie: pourquoi maintenant? Itinéraires, Littérature, textes, cultures [en ligne]*, 2010-3, 2010, <http://itineraires.revues.org/1782>
- FUGELSO, K. (org.). *Studies in medievalismo XIX: defining neomedievalism(s)*. Cambridge: D. S. Brewer, 2010.
- MACEDO, J. R. Introdução. Cinema e Idade Média: perspectivas de abordagem. In: MACEDO, J. R. & MONGELLI, L. M. (org.). *A Idade Média no cinema*. São Paulo: Ateliê editorial, 2009, p.13-48.
- NASCIMENTO, D. B. P. *Idade Média: Contexto, Celtas, Mulher, Carmina Burana e Ressurgências atuais*. Niterói: Parthenon Centro de Artes e Cultura, 2015.
- METRÓPOLES. Jardim Botânico recebe edição 2016 do Festival Medieval Brasil. Matéria publicada no *site* de notícias Metrôpoles, em 13/06/2016, disponível em: <http://www.metropoles.com/entretenimento/jardim-botanico-recebe-edicao-2016-do-festival-medieval-brasil> Acesso em 21/02/2019.
- PORTO JÚNIOR, J. B. S. As expressões do medievalismo no século XXI. In: *Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio*. 2018a.
- PORTO JÚNIOR, J. B. S. Uma viagem ao passado: o imaginário medieval na contemporaneidade. In: FRÓES, V. L.; FREITAS, E. C.; GONÇALVES, S. M. COSER, M. C.; PEREIRA, R. A.; CASTRO, A. C. M. (orgs). *Viagens e Espaços imaginários na Idade Média*. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2018b, p.236-246.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

ROSA, M. L. Fazer e pensar a história medieval hoje. Guia de estudo, investigação e docência. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

ROSA, M. L.; BERTOLI, A. Medievalismos irmãos e (menos) estranhos? Para um reforço do diálogo entre as historiografias brasileira e portuguesa sobre Portugal medieval. Revista Portuguesa de História, T. XLI, 2010, p.247-289.

SOLÉ, M. G. P. S. A técnica “História ao vivo”. A realização de uma feira medieval no Lindoso. Comunicação apresentada no IV Encontro Nacional de Didáticas e Metodologias da Educação, Évora, 26-28 de set. 2001.

WADA, E.K.; MORETON, F. A.; NASCIMENTO, T. F.; MOREIRA, A. G. O medievalismo em eventos no Brasil. Revista Turismo & Desenvolvimento, n.21/22, 2014.